

MATTOSO CÂMARA E A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Rosalvo do Valle
(UFF – ABF – ILP)

Em 2004, centenário de nascimento do Prof. Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), lingüistas brasileiros, quase todos seus ex-alunos em cursos de graduação ou pós-graduação, lhe prestaram merecidíssima homenagem com publicações que focalizam diferentes aspectos de sua obra ampla e sempre instigadora na diversidade de assuntos de que tratou o mestre.

Uma dessas publicações é a *Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A.)*, vol. 20: Especial, 2004, EDUC-SP. Os autores, todos, numa impressionante unanimidade reconhecem o pioneirismo do introdutor da lingüística estrutural no Brasil; o espírito inovador daquele que nos trouxe um “novo discurso sobre o estudo da linguagem”, tornando-se inquestionavelmente “o inaugurador da lingüística científica” entre nós.

Chega a emocionar o testemunho, também unânime, de ex-alunos, hoje lingüistas respeitáveis, sobre o mestre inesquecível – respeitabilidade que não perdeu a ternura ao evocar o antigo professor: “o professor modelar até o fim da vida” (Carlos Eduardo Falcão Uchôa); “O Grande Mestre”, “um professor perfeito” (Margarida Basílio); o professor de quem Yonne Leite diz com encantadora humildade intelectual que gostaria de ter herdado também “o espírito lúcido, a clareza da exposição e o amor ao trabalho”.

No prefácio (p. XII), o lingüista Aryon Dall’ Igna Rodrigues – a quem igualmente muito devem os estudos lingüísticos no Brasil –, colega e amigo do homenageado, diz que “o espectro de interesses lingüísticos de Mattoso Câmara Jr. era muito amplo, abrangendo tanto a interpretação sincrônica do português, como o seu desenvolvimento diacrônico, estendendo-se também para as línguas indígenas”.

Os artigos de D.E.L.T.A., porém, privilegiam a “interpretação sincrônica”, salvo algumas referências à *História e Estrutura da Língua Portuguesa*,¹ que, citada várias vezes com os merecidos elogios, não teve uma apreciação mais demorada. No primeiro artigo, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, ao focalizar “o novo discurso metalingüístico na abordagem sincrônica da língua”, lembra uma crítica no mesmo sentido feita por Sílvio Elia na apresentação da

obra editada pela Livraria Padrão. Diz Uchôa: “antes dos estudos descritivos de Mattoso Câmara, a parte do leão nas universidades cabia à diacronia, como objeto central do discurso filológico”. Outros se referem ao livro para documentar aí a posição de Mattoso Câmara sobre alguns pontos críticos, já abordados em outras obras, que mereceram contestações, ou ele reformulou, mesmo quando não as aceitou, como no expressivo exemplo da vibrante /r/. Quem se demora mais na *História e Estrutura* é Válder Kehdi ao tratar de sintaxe, com base no capítulo XI, “A frase portuguesa”. Esclarece, porém, que se fixará na “perspectiva sincrônica”, sem contrastá-la com a perspectiva diacrônica, como faz o autor “ao longo de toda a sua obra”. Nos artigos de D.E.L.T.A. a “parte do leão” coube à sincronia – o que, aliás, não é de estranhar.

Outra homenagem ao mestre é *Para compreender Mattoso Câmara*, de Albertina Cunha e Maria Alice Azevedo Altgott, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2004. O livro tem por objetivo “demonstrar os principais pontos em que Mattoso Câmara segue um caminho distinto dos parâmetros da gramática tradicional” (p. 11). É, pois, um estudo descritivo, sincrônico, e escapa aos propósitos deste meu texto. Na notícia da p. 27, sobre a *História e Estrutura da Língua Portuguesa* as autoras dizem tratar-se “de um trabalho descritivo e histórico das estruturas gramaticais da língua portuguesa”. Não foi propósito das autoras, que continuam zelosamente a atividade docente de seu mestre na Universidade Católica de Petrópolis, abordar a história da língua na sua dupla feição de história externa e de história interna – uma velha dicotomia que Mattoso Câmara não rejeitou. Basta reler o verbete *História* do *Dicionário de Filologia e Gramática*, hoje intitulado, postumamente, *Dicionário de Linguística e Gramática*.

Também em 2004 Carlos Eduardo Falcão Uchôa reeditou seu precioso livro de 1972 – *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.*, 3ª edição revista e aumentada, Rio de Janeiro, Editora Lucerna – “uma das mais belas homenagens póstumas já feitas a Mattoso Câmara”, na opinião da lingüista Yonne Leite (D.E.L.T.A. p. 12). Esta edição acrescenta um novo estudo aos dois anteriores, que “foram expressivamente alterados” (p. 11), e complementa a bibliografia com alguns títulos – o que leva o organizador a crer que agora se tem o “maior levantamento bibliográfico de Mattoso Câmara” (ibidem)... até que se localizem outros textos do incansável estudioso. E a antologia mattosiana enriqueceu-se com seis textos. Agora são vinte e sete.

Com relação ao nosso tema, diz Uchôa (*Dispersos*, p. 31):

ocupa-se da história da língua, desde alguns de seus artigos iniciais do Correio da Manhã (1934), através de estudos como *História externa da língua portuguesa e o Consonantismo histórico português* (nos anos 50), até a sua obra maior no campo da língua portu-

guesa, *História e estrutura da língua portuguesa*, elaborada entre 1963 e 1965, que só vem a ser publicada em português em 1975.

Eis a pista de que precisávamos para estabelecer o *corpus mattosianum* sobre a história da língua portuguesa. Adianto que também na área de estudos diacrônicos o leitor assíduo de Mattoso Câmara reencontrará o velho intento de novas formulações, mais em dia com as reorientações lingüísticas de seu tempo. Foi assim com os *Princípios de Lingüística Geral*, o primeiro compêndio dessa disciplina em língua portuguesa. Assim é com a *História e Estrutura*, o primeiro compêndio em português sobre a história de nossa língua concebida em moldes estruturais, e em todos os seus planos, inclusive o sintático – o que já é uma novidade na bibliografia lingüística luso-brasileira. Esse ânimo inovador, contudo, não o impediu de reconhecer a contribuição de mestres antecessores ou contemporâneos que também trabalharam com seriedade nesse vastíssimo campo das ciências da linguagem, como se pode comprovar em três estudos da Parte IV dos *Dispensos*, itens 4, 5, 6. Quero dizer que os trabalhos de Mattoso Câmara sobre a história da língua portuguesa – desde, digamos, *A etimologia de “escapar”* (um brevíssimo artigo publicado no Correio da Manhã em 22/08/1934) até a *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, editada pela Livraria Padrão em 1975 – só confirmam o renome internacional do autor dos *Princípios de Lingüística Geral*.

Eu poderia até deter-me na *História e Estrutura*, que, última obra, sintetiza as elucubrações diacrônicas de Mattoso Câmara, formalizadas na orientação lingüística que ele assumiu definitivamente. Mas esta limitação não daria uma idéia de conjunto dos estudos diacrônicos do autor nem possibilitaria avaliar a evolução (vale o termo) do pensamento lingüístico de Mattoso Câmara, cujos primeiros textos carregavam as idéias historicistas de seu tempo, mas reinterpretadas dentro de nova orientação doutrinária e sistemática.

É também importante ressaltar, desde logo, que a fundamentação teórica geral já está exposta com segurança nas páginas admiráveis dos *Princípios de Lingüística Geral*, sempre revistas em cada edição “não só para as ampliações necessárias para manter o compêndio em dia com a atividade bibliográfica”, mas para dar-lhes a melhor forma didática (*Princípios*, 3ª ed., 1958, nota prévia). Ou, em forma de verbetes, no *Dicionário de Filologia e Gramática*.

Neste texto (em princípio um roteiro para uma exposição oral no Colóquio) vou partir da Bibliografia de Mattoso Câmara, aqui, em *Confluência*, reproduzida dos *Dispensos*, com dois ou três títulos a mais. Faço uma seleção e um agrupamento provisórios e me dispenso de repetir a indicação técnica das obras. Para obviar a falta de comentários e para avaliar a fortuna crítica de algumas delas, remeto o leitor à *Bibliografia Analítica de Joaquim Mattoso*

Câmara. Organização de Anthony J. Naro e John Reighard, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro, RJ, 1976.¹

Finalmente, sobre o critério que presidiu à seleção, é indispensável ter em vista que estou entendendo história da língua como o professor Mattoso Câmara entendia no *Dicionário de Fatos Gramaticais*:

HISTÓRIA – Aplicado a uma língua, o conceito de história tem dois sentidos: 1) história externa, dessa língua, na sua expansão territorial, no seu contacto com outras línguas, na repercussão que sobre ela têm os sucessos sociais; 2) história interna, na diacronia (v), das mudanças fonéticas, mórficas, sintáticas, semânticas e léxicas.

Na seleção (provisória, repito) incluo num primeiro grupo:

- 1934: *Pequenas lições de português – A etimologia de “escapar”*.
 1943: *A alternância portuguesa “fui”: “foi”*.
 1946: *Sobre as consoantes palatalizadas*.
 1952: *Contribuição para uma estilística da língua portuguesa*.
 1954: *Curso da Língua Pátria*.
Apêndice à gramática, 4ª série ginásial e 1ª colegial.
 1956: *Dicionário de fatos gramaticais (1ª ed.)*
Uma forma verbal portuguesa.
História externa da Língua Portuguesa.
O consonantismo histórico português.
 1957: *Sobre o futuro romance*.
 1964: *Dicionário de Filologia e Gramática (2ª ed.)*
 1968: *Muta cum Muta em português*.
 1975: *História e estrutura da língua portuguesa*.

Reúno num segundo grupo resenhas ou notícias críticas de gramáticas históricas e de trabalhos sobre o latim:

- 1942: *A pronúncia do latim*.
 Serafim da Silva Neto, *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*.
 1958: Ismael de Lima Coutinho, *Pontos de Gramática Histórica*.
 1960: Th. Henrique Maurer Jr., *Gramática do latim vulgar*.

Ponho num terceiro grupo todos os estudos sobre o português do Brasil: os que tratam de questões referentes a línguas transplantadas; os que tratam

da língua escrita, literária ou não – literária; os que focalizam de modo especial a língua falada, etc. Sobre a língua literária do Brasil, releio sempre com admiração (e orgulhoso de ter sido aluno de ambos os mestres!) a transcrição e o comentário do filólogo Sousa da Silveira, no prefácio dos *Princípios de Linguística Geral*, de um trecho do linguísta Mattoso Câmara Jr., ao tratar da influência da língua escrita (*Princípios*, 4ª ed., 1964, p. 284 a 287). Não resisto ao impulso de transcrever um pouco mais do texto mattosiano:

São normais, em verdade, todas e quaisquer mudanças. É normal o empréstimo em seu sentido genérico, e normais são as ações da língua literária e das gírias sobre a língua comum.

Tanto diacrônica como sincronicamente, aliás, a linguística é o estudo da língua sob todos os seus aspectos, e todos os meios de comunicação linguística, determinados por quaisquer tipos de vida social, têm de ser considerados manifestações NORMAIS e objeto de ciência”.

Excelente alerta para quem estuda a história da língua.

Num quarto grupo incluo estudos sobre história das idéias referentes à língua portuguesa, de grande utilidade para o historiador da língua, porque contextualizam certos problemas teóricos que freqüentemente voltam à cena das discussões. No caso brasileiro é muito recomendável a leitura de quatro estudos dos *Dispersos*, três já lembrados:

As idéias gramaticais de João Ribeiro;

Said Ali e a língua portuguesa;

Antenor Nascentes e a filologia brasileira; e

Os estudos do português no Brasil.

Sou o primeiro a reconhecer que a seleção e o reagrupamento são arbitrários, como, aliás, ocorre com qualquer distribuição metodológica dessa natureza. Acresce que o leitor assíduo de Mattoso Câmara, interessado especialmente na história da língua, sabe que algumas obras não específicas contêm matéria de seu interesse. É o caso das três teses. Na primeira (1949), de doutorado, *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, o autor faz considerações diacrônicas sobre o problema da líquida vibrante, partindo da geminação em latim. É claro que o autor não está confundindo os dois planos linguísticos, pois logo abaixo diz incisivamente:

“A análise fonêmica não pode... apoiar-se essencialmente num plano diacrônico. Tem de assentar precipuamente no funcionamento e na estrutura da língua.” (*Para o estudo da fonêmica portuguesa*, p. 107)

Na segunda (1952), de livre docência, *Contribuição para uma estilística da língua portuguesa*, além da referência à gramática comparativa do século

XIX, é matéria de reflexão do historiador da língua o item “A estilística e a evolução lingüística”, em que estão lado a lado Leo Spitzer e Meillet, o genial autor de *Esboço de uma história da língua latina*, quando Mattoso Câmara reconhece em toda mudança histórica da língua a interação do esforço pessoal para a expressividade e de fatores estruturais. E a conclusão da tese aponta para o estudo de uma estilística diacrônica, embora o autor reconheça a complexidade de uma abordagem nessa perspectiva histórica.

A terceira é a tese para a cátedra de Língua Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1956), *Uma forma verbal portuguesa*, tese que Mattoso Câmara não chegou a defender porque se afastou do concurso, por fortes motivos pessoais. Na tese há longas incursões na gramática histórica, de cujas pistas Mattoso Câmara parte para a interpretação gramatical sincrônica das formas do futuro português. O estudo da categoria temporal de futuro do latim às línguas românicas, na edição de 1956 impressa no *Jornal do Comércio*, ocupa cinco páginas (28 a 33), sendo retomado a seguir (p. 42, 44, 46). O mesmo ocorre com o futuro do pretérito composto, que mereceu também longa incursão na área indo-européia.

Vou ficando por aqui. Deixo a análise mais detida do *corpus mattosianum* para o I Colóquio Internacional sobre A Língua Portuguesa no Mundo da Lusofonia, nas comemorações do centenário de nascimento do Prof. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Outras considerações ficarão para as aulas de História da Língua Portuguesa do Curso de Especialização que, em boa hora, o Liceu Literário Português acolheu e tem incentivado.

Aluno de Mattoso Câmara da primeira turma de Lingüística da Faculdade Nacional de Filosofia, em 1948, no terceiro ano de Letras Clássicas; seu auxiliar de pesquisa na elaboração do *Dicionário de Fatos Gramaticais* (1956), que mereceu a honra da generosa referência na “Explicação preliminar da 1ª edição”, e a dupla honra de não só ser lembrado na “Advertência para 2ª edição” (1963), mas de ali figurar ao lado da lingüista Yonne Leite – na verdade “como morfema – zero (com seu valor implícito decorrente da 1ª edição)”; este ex-aluno, há muitos anos dedicado ao latim e a estudos diacrônicos, pretendeu registrar a contribuição de Mattoso Câmara para estudo da história da língua. E o fez sobretudo pensando nos estudantes de Letras que há uns quarenta anos só fazem nas universidades estudos descritivos, sincrônicos.

É claro que tem todo cabimento “a descrição objetiva e rigorosa de uma língua em seu funcionamento atual” (*Dispersos*, p. 283). Mas vale lembrar nos dias atuais a mesma crítica, absolutamente pertinente, do próprio Mattoso Câmara, em 1953, ao historicismo hegemônico daquela época. A hegemonia agora é dos estudos descritivos. Os que não aceitam esta orientação hegemônica têm todo o direito de dizer com o mesmo Mattoso Câmara e com igual pertinência:

“O estudo histórico tem também... uma grande importância, e é o complemento natural de toda pesquisa lingüística” (*Dispersos*, p. 283).

Concluindo, quero dizer que é possível questionar mais de uma proposta mattosiana em sua obra imensa e vária. Nem faz sentido pensar em aceitação pacífica de todas as formulações do mestre, cuja obra é o melhor exemplo de exercício constante de espírito crítico. Aliás, é a mesma lição de Eugênio Coseriu: “na ciência, a única aceitação verdadeira e profícua é a aceitação crítica”.

Inquestionável, porém, é o lugar especial e definitivo de Mattoso Câmara na historiografia lingüística luso-brasileira: autor do primeiro compêndio de Lingüística geral em português “como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa”; introdutor da lingüística estrutural no Brasil; “inaugurador do ensino da lingüística geral” em Portugal; autor do primeiro compêndio de história da língua portuguesa numa concepção de caráter estrutural.

Nota:

- ¹ Sobre a *História e Estrutura da Língua Portuguesa* cabe registrar as muitas referências da historiadora da língua Rosa Virgínia Mattos e Silva nos dois excelentes volumes sobre o português arcaico, da Editora Contexto, além das considerações, sempre lúcidas, nos artigos que tem publicado em revistas e boletins especializados. Para a fortuna crítica da obra, vale lembrar que a autora considera a *História e Estrutura* “essencial para uma compreensão mais globalizante da história do português, não encontrado em qualquer outro trabalho que sobre o tema se tenha feito no Brasil ou em Portugal” (D.E.L.T.A., vol. 4, nº 1, 1988, p. 109). E em Portugal outro registro gratíssimo: no artigo da também notável historiadora da língua, Clarinda de Azevedo Maia, *Algumas reflexões sobre a disciplina ‘História da Língua Portuguesa’*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XXI, 1996-1997 da Universidade de Coimbra.



Da esquerda para a direita
Carlos Eduardo Uchôa, Rosalvo do Valle, Evanildo Bechara, Maximiano de Carvalho, Francisco
Gomes da Costa.